

V. 1, nº 2

Artigos e comentários

1. Assimetria das relações de poder no seio da instituição produtora de informação e gate keeping — Nilson Lemos Lage
2. Procesos comunicativos y movimientos populares — Ana-Maria Hethol
3. A censura em Portugal de Salazar: do "exame prévio" (censura oficial) à "censura oculta" — José Manuel Paquete de Oliveira
4. Informática, nuevo orden informativo y transformación cultural — Enrique González-Manet
5. Marx e a comunicação: a subsunção da produção de bens simbólicos — Albino Rubim
6. Os Estados Unidos da América do Norte contra a América Central e Caribbas — Argemiro Ferreira
7. PIDC: a nova arena do conflito norte-sul sobre a comunicação — Luiz Gonzaga Motta
8. Apontamentos sobre algumas dificuldades na condução de uma pesquisa para dissertação de mestrado — Jane J. Sarques

Dossiê

1. L'informatique dans le tiers-monde — Armand Mattelart
2. Brasil ganha o espaço para a comunicação — João Rodolfo Prado

Documento

1. Análise dos efeitos da Conferência intergovernamental sobre políticas de comunicação na América Latina — Seminário promovido pelo CIESPAL.
2. Estatutos do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos

Notas

Resenha bibliográfica

V. 1, nº 3

O número 3 de *Comunicação & política*, que circulará em out de 1983, trará artigos de Lúcio Félix Kowarick, Célio Garcia, José Salomão Amorim, Enrique Bustamante, Orlando Nunez Soto, R. A. Amaral Vieira e um longo estudo sobre as eleições brasileiras, o novo quadro político, o caráter da campanha eleitoral, a participação dos meios de comunicação de massa e outros recursos, e as pesquisas de opinião.

Comunicação & política

vol. 1 - n.º 1

Antonio Houaiss

Elisabeth Fox

R.A. Amaral Vieira

L. Gonzaga Motta

Fernando Ossandon C.

Eliseo Veron

Paulo Bonavides

Juan Carlos Anselmi

Eduardo Diatahy B. Menezes

Antonio Albino C. Rubim

Debate:

Alceu Amoroso Lima

Entrevista:

Armand Mattelart



Paz e Terra

vol. 1 - n.º 1

Comunicação & política

PT

SUMÁRIO

Editorial	3-4
<i>Fórum</i>	
Debata com Alceu Amoroso Lima	5-22
<i>Artigos</i>	
Comunicação e Alienação — Antonio Houaiss	23-33
Communication and civil society — Elizabeth Fox	35-41
Notas Visando à Fixação de um Conceito de Autoritarismo — R.A. Amaral Vieira	43-52
Cultura de Resistência e Comunicação Alternativa no Brasil — L. Gonzaga Motta	53-69
Comunicación Popular y Rearticulación del Movimiento popular in Chile, Hoy — Fernando Ossandon C.	71-83
<i>Entrevista</i>	
O Contexto de Armand Mattelart	85-100
<i>Dossiê</i>	
La Sémiosis et son monde — Eliseo Veron	101-115
Quem tem Medo da Constituinte? — Paulo Bonavides	117-123
Nuevos Lineamientos de la OECD sobre la privacidad	124-127
<i>Notas e Comentários</i>	
Desarrollo de la Informática en America Latina a través de la Cooperación regional — Juan Carlos Anselmi	129-137
<i>Resenha</i>	
Que é afinal Ideologia? — Eduardo Diatahy B. Menezes	141-143
Marx e o Jornalismo — Antonio Albino Canelas Rubim	144-150



O Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, RJ. Reúne cientistas sociais, cientistas políticos, comunicadores sociais, educadores e intelectuais em geral comprometidos com os seguintes objetivos (Art. 3º de seus estatutos):

1. promover o desenvolvimento do estudo e da pesquisa nas áreas das ciências sociais;
2. promover o intercâmbio e a cooperação entre instituições e os profissionais e teóricos latino-americanos envolvidos com estudos, pesquisas e realizações nas áreas de seu âmbito de interesse estatutário;
3. promover de forma multidisciplinar atividades de estudo e de pesquisa dos valores culturais autóctones, tendo em vista subsidiar a formulação e implantação de políticas culturais;
4. fomentar a produção de reflexões relacionadas com as temáticas de seu interesse, editando e fazendo editar livros e periódicos, realizando e promovendo pesquisas, a publicação, tratamento e circulação de informações e dados, simpósios, seminários, mesas-redondas e cursos, regulares ou não;
5. lutar por maior participação das comunidades acadêmica, científica e artística latino-americanas na formulação e aplicação de políticas nacionais de defesa dos valores latino-americanos, bem como promoção e valorização do homem e da sociedade latino-americana em geral;
6. atuar junto dos organismos de coordenação e financiamento ou controle das atividades científicas de pesquisa ou ensino ou difusão artística visando à democratização de seus critérios de avaliação;
7. contribuir para o aprimoramento intelectual e profissional de seus associados, defendendo seus direitos em todas as instâncias em que forem ameaçados.

Na realização desses objetivos, o Centro se constitui em instrumento de luta pela democratização dos Estados latino-americanos e de defesa dos direitos e garantias individuais.

Diretoria

Presidente: Antonio Houaiss

1º Vice-Presidente: R.A. Amaral Vieira

2º Vice-Presidente: Sérgio Dayrell Porto

Secretário de Pesquisa: Jorge Werthein

Secretário de Difusão Internacional: Carlos Plastino

Tesoureiro: Regina Elena C. Gualda

Conselho Deliberativo

Lúcio Félix Kovarik, Gabriel Cohn, Fausto Castilho, Virgílio Noya Pinto, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Marco Aurélio de Almeida Garcia, Erasmo de Freitas Nuzzi, Carlos Estevam Martins, Albino Rubin e Fernando Perrone.

Conselho Fiscal

Venício Artur de Lima, Walder Tavares de Góes, Francisco Eduardo Pontes Pierre (titulares), Antônio Carlos Cunha, Miguel Pereira e Ailton Benedicto de Souza (Suplentes). Além desses quadros diretivos, o Centro dispõe de representantes em todas as Universidades brasileiras e em toda as capitais e principais centros universitários latino-americanos, além de correspondentes nas principais capitais do mundo. Seu quadro de associados contempla sócios plenos e sócios correspondentes, para os não residentes no Brasil.

Os associados do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos recebem gratuitamente *C&P* e todas as publicações por ele editadas. Anuidades do Centro: Associados residentes no Brasil: Cr\$ 6.000,00 (pagáveis em até três parcelas iguais); Associados residentes fora do País: \$20.00 (vinte dólares norte-americanos).

O Contexto de Armand Mattelart

Esta entrevista com o belga Armand Mattelart pretende, além de dar uma visão de conjunto de sua obra, explicar algumas das razões que tiram um cientista social de seu continente e o impelem a um envolvimento direto com movimentos sociais de países do terceiro mundo. Mattelart é avesso a falar de si próprio. Por isso mesmo entendemos que a entrevista pode ter algum valor para explicar seu trabalho.

A obra de Armand Mattelart tem uma inegável importância histórica. A Mattelart pode ser creditada uma profunda revisão do enfoque científico dos fenômenos da comunicação, tanto pela crítica feroz do mecanicismo e dos condicionamentos ideológicos da communication research, como também pela abertura de novos caminhos teóricos que apontaram para uma vinculação plena da comunicação com a cultura, a política e a economia.

No decorrer da entrevista na qual, não sem emoção, afloraram reminiscências, nos demos conta de que estávamos no dia 11 de setembro de 1981, vivendo o 8º aniversário do golpe militar chileno, com os assassinatos de Salvador Allende e de uma das mais importantes experiências democráticas tentadas por um país latino-americano. Para quem viveu pessoal-

mente a gestação e o desenvolvimento da experiência chilena, como Mattelart, tratou-se de um duro momento para fazer uma revisão do passado e a entrevista foi então temperada com a "ressurreição de fantasmas".

Desde já temos que desculpar-nos com Mattelart por uma pequena inconfidência. É que, na entrevista, Mattelart diz que desde muito cedo pensou em viver em algum país subdesenvolvido, especialmente na África. Durante a entrevista foi inevitável associarmos essa idéia ao trabalho dos missionários que, na época, constituíam importante fonte de relatos sobre a situação nesses países com o trabalho religioso de civilizar os povos primitivos e domesticá-los conforme as exigências do imperialismo colonial. Por brincadeira dissemos a Mattelart que ele deixava a Europa seguindo uma vocação "missionária", só que empenhado na verdadeira libertação dos povos. Mattelart riu mas não escondeu certa contrariedade à piada e a levou tão a sério que pediu que a expressão "missionário" não fosse usada.

Mattelart tinha razão ao temer que surgissem interpretações errôneas sobre sua pessoa com essa referência aos missionários. Na verdade, o trabalho de Mattelart jamais poderia ser com-

* A entrevista com Armand Mattelart foi realizada por Carlos Müller (UFRGS) e Daniel Herz (UFSC). A revisão da transcrição foi levada a cabo por Alberto Noé. O texto final não foi submetido quer ao entrevistado, quer aos entrevistadores. Procurou-se manter a estrutura oral do discurso e o caráter informal de uma "charla" entre amigos, uns falando português e outro espanhol achilenado e todos se entendendo muito bem (N.E.).

parado ao de um missionário, ainda que com sinal político contrário. Enquanto o missionário traz uma civilização e respostas prontas, o Mattelart que abandonava a Europa, da década de 60, era um homem disposto a mergulhar nos problemas e na busca de soluções empreendidas pelos povos explorados dos países subdesenvolvidos e a se envolver integralmente nessa luta. Não há, na vida e na obra de Mattelart nem a arrogância da superioridade cultural dos missionários civilizadores, nem a pretensa neutralidade científica dos "scholars" ou dos nossos conhecidos "brazilianists". Mesmo porque ele próprio admite que sua formação, como cientista social, foi orientada pela problemática que muito mais do que um simples objeto de estudo, a América Latina era, para Mattelart, algo a ser vivido, com todas as consequências que pode envolver essa disposição.

A grande revelação dessa entrevista é o magnífico resultado que surge quando um homem harmoniza sua prática com suas idéias. Não temos dúvida de que é da profunda coerência entre o seu pensamento e a ação que surge o vigor da extensa obra de Armand Mattelart. Só com a ação política paulando a motivação teórica e intelectual se consegue um trabalho tão comprometido com a realidade.

Com sua vida, Mattelart deixou de ser um estrangeiro na América Latina e tornou-se chileno por opção, não apenas porque seus dois filhos o são, mas porque conquistou essa cidadania ao comprometer-se científica, ética e existencialmente com o empenho popular em construir um futuro de liberdade e igualdade.

Seguidamente há tentativas de explicar a obra de Mattelart recorrendo-se a sofisticadas análises epistemológicas. Na verdade, a obra de Mattelart tem explicação bem mais simples: as questões que o preocuparam, foram as questões do seu tempo e sua posição, nas lutas em que se envolveu, foi ao lado do povo que precisa da ciência para entender e afirmar seu papel histórico na construção de uma nova sociedade. O cientista se confunde, assim, com o político e com o ser humano singular que vai figurando uma experiência pessoal única. E alguém que responde tão integralmente à história que vive, como Mattelart, só pode ser realmente compreendido se o estudo da obra for acompanhado do conhecimento do contexto em que foi produzida. É por isso que acreditamos na utilidade dessa entrevista que procura mostrar o

contexto de Armand Mattelart. (Carlos Müller, Daniel Herz)

— Em primeiro lugar, como é que o belga Armand Mattelart foi parar, em 1972, no conturbado contexto político latino-americano? Fale do começo. Como é que essa estória começa, ainda na Bélgica?

— Desde que tengo 10 años tenía una obsesión: la de salir afuera, no por una vocación de aventurero. Lo que me interesaba eran esas imágenes más de exploradores, como las de los que trabajaban en África. Para mí había gente que trabajaba en África como misioneros o cosa así... y otros... Yo estaba más bien del lado de la administración civil, claro está, no de la administración religiosa. Yo tenía mi apetito anticlerical.

— Como é que começa essa obsessão na família?

— Eso no te podría decir. Habría que preguntarle a un psicoanalista. Hay temperamentos que están volcados para el exterior, que quieren viajar...

Yo te decía que desde muy temprana edad tenía ese deseo. Por una característica personal, progresivamente fue entrozándose una cosa más social. Es evidente que soy un producto del proceso de descolonización de África, de la lucha contra el colonialismo en el Congo Belga, después en Argelia. Es a partir de estos acontecimientos que nace una progresiva conciencia política de que si salgo afuera de Europa uno no podría decir que lo hago por una razón nítidamente política, pero si digamos por una aspiración política.

Entonces yo estudié, entré en la Universidad con..., bueno no entré directamente en la Universidad. Durante dos años, después de la secundaria, quise retirarme un poco y trabajar en campos diferentes al campo intelectual. Y durante dos años me fui a Francia a vivir a Bretaña. Allí trabajé durante esos dos años manualmente con los pescadores de la costa. Después volví a Bélgica con la idea de hacer medicina... una medicina que en esa época se llamaba medicina colonial, hoy medicina tropical... en esa época se podían ganar años de la Universidad sin ir a la Universidad, pasando frente a un jurado central. Pero la medicina no estaba entre ellos. Entonces yo me dije: voy a hacer otra carrera que no sea Leyes.

Leyes conducía a todo en esa época. Con Leyes podía interesarme por el problema de la Administración de Territorios en África, por ejemplo. Todavía mantenía esa idea. Y pasé los dos primeros años de leyes sin ir a la Universidad, rindiendo frente a un Jurado Central, para recuperar mis dos años de trabajo en Bretaña. Posteriormente estudié en la Universidad de Lovaine. Preparé mi doctorado en Leyes y de Economía Política. Después me fui a Francia para hacer una especialización, ya que Leyes y Economía Política es un diploma de base, y hay que tener otro después...

O sea, yo tomé un diploma que me permitía tener una formación general en Sociología, pero que al mismo tiempo ya me permitía tener una especialización, en Demografía, sociología de la población. Demografía era una carrera hacia donde convergían tanto Sociología como Economía, Estadística, etc. Y preparé un diploma superior en Demografía en París.

— E quantos anos você tinha?

— Tenía 24 años. Todos mis estudios los había completado a los 24 años.

— E foi na França que você fez sua especialização?

— Especialización en Ciencias Sociales con especialización en Demografía. Al mismo tiempo, desde mi entrada a mi salida de la Universidad ocurre todo el proceso de descolonización, y por lo tanto la imposibilidad de trabajar en África, porque es la fase dura, durísima, y no se aceptaba ningún especialista técnico, con mucha mayor razón si era de izquierda. Era muy difícil.

— Participaste de algum movimento político anticolonialista na Europa?

— Bueno, la lucha contra la guerra en África. Es lo fundamental. Es todo lo que nucleó a toda una generación en Europa en los años 1958-62, básicamente.

— A questão do Zaire...

— Tú sabes que la cosa de Zaire..., Bélgica había heredado de esta colonia un poco en contra de la opinión pública. A tal punto fue interesante que era una posesión no de Bélgica sino del Rey Leopoldo de Bélgica. Entonces, en Bélgica, siempre, incluso si los financistas, los banqueros y los empresarios tenían interés en el Congo, la población Belga nunca estuvo en una posición muy colonialista. Y tuvieron la independencia inmediatamente en la medida en que surgió la posibilidad alternativa a nivel del

Zaire. Allí no hubo una lucha colonialista prolongada como por ejemplo en Argelia. Es muy diferente. Viene después toda la cuestión. Es interesante después cuando Lumumba, con la muerte de Lumumba...

— Como tudo isso atingiu aos estudantes belgas?

— En la época yo estaba en Francia. Sí, creo que todo el fenómeno de la descolonización afectó al estudiante europeo en esa época porque es uno de los procesos históricos que después desemboca en mayo de 1968. Una de las épocas históricas de mayor movilización estudiantil. Hay realmente un movimiento estudiantil. No hay comparación con la actualidad, que es más bien la desinovilización total.

— E quando terminam seus estudos na França?

— 1962.

— E quantos anos você tinha?

— Yo tenía 25 años.

— E da França deu o Chile, como foi?

— Bueno, yo estaba viviendo en la Ciudad Universitaria. Allí conocí a muchos latinoamericanos, mejicanos, venezolanos, colombianos. Y aprendí castellano en la Ciudad Universitaria con unas colombianas amigas. Y yo no tenía ninguna pista para salir para América Latina. Entonces lo que hice es conseguir una guía...

— Mas havia a vontade de vir...

— Ah bueno, eso sí. Después de África, América Latina era para mí la más cercana como campo adonde ir a trabajar, en una perspectiva social, evidentemente. Y hay que decirlo, hay quien resuelve ese problema yendo a entrevistar al Che Guevara, a ver la Revolución Cubana. Yo decidí ir a América Latina para tratar de realizar una labor. Primero cumplir con mi profesión. Tratar de hacer un trabajo que podía beneficiar al país.

Evidentemente era una actitud idealista. Yo no me fui a ganar dinero a América Latina. Fui porque pensaba que podía aportar y hacer algo.

— Quer dizer que você não tinha nenhum contato?

— No tenía ningún contacto. Tomé una guía de la UNESCO: "Estudie en el Extranjero", "Conozca Las Universidades Extranjeras". Y tomé todas las direcciones de las facultades de ciencias sociales de América Latina. Y escribí unas cuarenta cartas, unas en español otras en

portugués. Escribí a Venezuela, Méjico, Brasil, Chile... Quería partir a cualquier parte, no tenía prejuicios. Escribí a Ecuador. Y recibí tres respuestas. Una de la P.U.C./RJ, de la Escuela de Ciencias Sociales. Incluso recuerdo bien, el que dirigía esa escuela se llamaba Padre Bastos de Avila, un sacerdote jesuita, me acuerdo bien. Y me proponía un puesto pagado en parte por una beca de Capes, o Fundación Getulio Vargas, algo así, pero no me pagaba el viaje. Y yo era estudiante, no era rico. Ya no dependía de mis padres, no tenía dinero. Tenía problemas a ese nivel. Y recibí otra respuesta, de Ecuador. Y muy casualmente siempre recibía respuestas de Universidades Católicas, de la Universidad Católica de Río, la de Quito...

— *Influência de Lovaine?*

— Es muy posible que se deba a razones de ese tipo.

Y después la Universidad Católica de Santiago de Chile. Ni la de Ecuador ni la de Chile me ofrecían el viaje. La de Chile en cambio me ofrecía el viaje... y además conversando con personas... Porque a partir del momento que recibí el ofrecimiento debía informarme. Y hablé con unos universitarios franceses, unos latinoamericanos. Había muchos economistas y sociólogos de cierta graduación que diez años más tarde los encontré como ministros, en Colombia, por ejemplo.

Pero me dijeron que Chile era interesante porque era un lugar internacional dentro de América Latina; que era un régimen político estable, por lo menos en esa época, y me dijeron que estaba la CEPAL y un conjunto de organismos internacionales que se ocupaban principalmente de problemas de población, principalmente el CELADE de la ONU... Y partí para Chile. Fui a la escuela de Sociología de la Católica. Y me acuerdo del primer susto que tuve...

— (...)

— La primera vez que me di cuenta de lo que había hecho, de las consecuencias reales de todo ese impulso hacia A. Latina, de viajar, de salir, fue cuando me encontré en el camarote del barco en La Rocheir. Porque para venir a A. Latina tome el barco. Nunca había tomado avión, no quería tomar avión. Ahora lo tomo a cada mes. Allá tomé el barco en La Rocheir, lo cual es muy significativo. Es desde allí que partían todas las carabelas para las Antillas. Partí en un barco inglés, y recuerdo que cuando el barco

arribó estaba en mi camarote con mis dos maletas y me decía: pero, adonde voy?

Entonces fui convidado por la Escuela de Sociología de la Católica para crear una cátedra. Yo tenía diploma, pero no tenía ninguna experiencia. Había sido asistente de un profesor Universitario en París durante un año de mis estudios.

— *Antes de continuar falando de teu trabalho, conte-nos como te sentiste, qual foi o impacto que levaste, a primeira impressão... Antes disso, havias mantido relação com algum grupo de estudantes latino-americanos? Por exemplo em Lovaine havia um grupo de estudantes colombianos...*

— Sí, tuve contacto con un grupo de estudiantes, los colombianos eran los más progresistas en Lovaine, como los cubanos... Con otros no...

— ...
— En la misma época que yo estaba en Lovaine? Yo no los conocí personalmente, pero sí, sí...

Yo había viajado mucho por los países de la periferia. Mucho por África del norte, sólo, a dedo, con un amigo o con una amiga. Medio Oriente, África del norte, pero no quería ir allá, bueno porque no me sentía muy cerca a nivel cultural.

Y el primer contacto que tuve con A. Latina fue un mercado de frutas en Cartagena. Me habían dicho que habían frutas excelentes que se llamaban mangos. Y compré mangos. Me habían dicho que tenía que hacer un agujero, que estaba llena de jugo, tuchita; y me equivoqué de fruta, compré un ahuate...

Porque arribar a A. Latina por los puertos de Colombia es durísimo. No tanto por puertos como Cartagena, donde say sol y aún tiene los vestigios coloniales. Pero por la otra parte, por la parte de Panamá, allí es durísimo, dramático... Las Carreras, Buenaventura... es desgarrador a cualquier nivel de percepción de lo que es la miseria. Porque en Buenaventura el clima es malo, está lloviendo siempre, la gente vive en casas que están húmedas durante todo el año. Es la primera impresión que tuve, digamos física. Pero eso es el viaje.

En Chile llego a la Escuela de Sociología, y en que medio caigo? Primero caigo en el medio de la Universidad Católica. Pero antes ya había tenido otro medio chileno en el barco. Porque al viajar te formas tu "medio". En un barco,

durante 40 días tú te encuentras con personas que van al mismo lugar que tú, que se informan, etc. Y en el barco conocía a unas chicas chilenas. Y me dió una experiencia de Chile que creo muy pocos extranjeros tuvieron. En el barco conocí a la hija de una persona que administraba todos los latifundios de la familia Edwards, dueña de "El Mercurio" burguesía chilena por excelencia. Entonces el primer Chile que conocí fué por una visita a los latifundios del que iba a ser mi enemigo más acerrimo en Chile...

— *E você via com espírito crítico tudo isso então?*

— Yo estaba observando, si... espíritu crítico... si.

— *E ela?*

— No sé, es muy difícil decir. Si crítica sí, frente a la pobreza digamos, pero no era una chica de izquierda de modo alguno.

Pero el segundo medio que encontré para mí fue muy aleccionador. Por mi experiencia de Europa, por haber vivido los 4 o 5 últimos años de la segunda guerra mundial. Es que en el barco había chicos alemanes de una Universidad Edielberg, o algo así, que todavía tenían la moralidad nazi, la ética nazi, e iban a visitar nazis del sur. Por medio de ellos fui introducido en el medio nazi de Chile. Es importante que yo viniera de afuera, las chicas me convidaban y yo aceptaba. Quería conocer un poco lo que ocurría aquí.

Y conocí este medio, lo cual fue muy interesante para mí, para conocer el grado de racismo de las colonias alemanas allá en el sur de Chile. A tal punto que se vanagloriaban de que nunca un chileno había franqueado el umbral del latifundio, o de la casa del latifundio.

Esos fueron los medios por los cuales comencé a conocer. Finalmente comencé a conocer de muy adentro lo que era la clase dominante chilena y sus aliados.

En la Católica era muy distinto y contradictorio. A quien tuve como alumnos en los primeros años de la Universidad? Andrés Pascal Allende, que es jefe del MIR hoy en la clandestinidad. Tuve a René Ambrossio, que era jefe del MAPU y que murió bajo la U.P. Y la primera y única pelea que tuve, la única vez que expulsé a un estudiante de un curso fue en el primer o segundo curso que di en Chile. Era Emilio Sanfuentes, que ahora es asesor ideológico de la Junta, y que siempre fue un des-

carado, un insolente, de una insolencia que no soporto. La soberbia de los que tienen poder, que son de familias poderosas.

— *Mas este teu contato com a classe dominante chilena durou mais tempo?*

— No, creo que solo duró el primer año de mi estancia en Chile. Durante ese primer año me di cuenta de lo que era la clase dominante chilena, y sobre todo la latifundista y vinculada a El Mercurio. Esa es una primera cosa, una primera impresión personal. La segunda cosa interesante que llegué al mismo tiempo a la Universidad... Me habían convidado para fundar una cátedra de Sociología de la Población. En función de una perspectiva, evidentemente, la Escuela de Ciencias Sociales de la Católica estaba financiada por la Ford y por la Rockefeller, y tenía en mente toda la política de "gross control", de control de la natalidad, de planificación familiar. Y había que tener un economista o sociólogo de la población para imaginar y para implementar estas políticas de población. Recuerdese que esa es la época de la Alianza para el Progreso, y que una de sus preocupaciones mayores es el problema del control de la población.

En ese momento llega conmigo, convidado también por la Escuela de Sociología, otro sociólogo, un eminente profesor funcionalista, mucho más viejo que yo, uno de los fundadores del funcionalismo en comunicación en los EEUU, que en esa época estaba en la Universidad de Berkeley, que se llamaba Charles Right, un tipo que escribió unos libros sobre comunicación. El venía para fundar una Cátedra de Comunicación. Es muy significativo. Yo venía para Sociología de la Población y él a Sociología de la Comunicación a partir de un paralelismo de ese tipo se ve cuando comencé a interesarme en comunicación.

Bueno, vine para ocuparme de política de la población y empiezo a escribir cosas sobre comunicación. Manual de Análisis Demográfico, Problemas de explosión Demográfica, Política de Población, Planificación Regional, etc. Esa es toda la primera parte de trabajos que hice en A. Latina.

— *E esse estudo e pesquisa tendiam a convergir diretamente com a política do Governo ou eram uma tendência...*

— Digamos que eran trabajos para la Universidad, pero con la perspectiva de elaborar una política de población. Pero cuando llegué,

querían hacer una política de la población en su perspectiva, a partir de una perspectiva de mercado. Aplicar todas las teorías de comunicación de masas del funcionalismo norteamericano a partir del control de natalidad, de la Reforma Agraria, todas las teorías de las innovaciones técnicas, como las de Rogers, etc. Yo me opuse de frente a este tipo de política. Yo les dije, para mí la política del control de la natalidad es resumen de una serie de aspectos antropológicos, políticos como para vender la idea de la planificación como si fuese un jabón.

Entonces, lo que hice fue empezar. Mientras tanto, un año y medio después, Michele, que había conocido en la Ciudad Universitaria, vino a reunirse conmigo en Chile. Tampoco ella conocía a A. Latina. A fines de 1963 nos casamos en Francia. Ella había trabajado sobre literatura comparada y sociología.

— *Essa era uma demografia a partir de uma perspectiva marxista?*

— No, yo no creo. No la reivindicó. Era una perspectiva más bien humanista. Yo estaba en contra de ese tipo... Me surgía de las tripas mi desacuerdo con esos anglosajones que venían con sus mentalidades pragmáticas a imponer a las mujeres, a venderles productos anticonceptivos sin ponerlo en un contexto más político. Entonces de ahí nacieron las primeras investigaciones que hicimos en Chile, y que nos encaminaron progresivamente hacia la comunicación. La primera investigación de ese tipo que hicimos, y que salió en Chile en el 65 o 66, no se si te acuerdas, se llamaba... vaya que título, pero de todas formas para la época, ... se llamaba "La Mujer Chilena en una Sociedad de Cambio". Era una encuesta que abarcaba desde las mujeres de pescadores hasta las de la alta burguesía, pasando por las de la pequeña burguesía, las mujeres obreras, campesinas.

Intentaba ver que era en definitiva la mujer chilena, frente al cambio, frente al hombre, frente a la familia, frente a los procesos sociales y frente a la política de planificación familiar.

— *Essa questão de mudança tinha que ver com alguma característica da conjuntura chilena? Por que a problemática "Frente al cambio"...*

— Sí, porque por esa época se hablaba mucho del cambio. Es la época de Frei... Es decir, una época en la cual se agudizan muy fuertemente las contradicciones sociales en muchos campos. En el campo, a partir de la Reforma Agraria,

que introduce nuevas contradicciones, y también en el campo universitario. No se visualizaba de ninguna manera lo que vendría a ser setiembre de 1973, pero está dentro de ese ambiente digamos.

Y en ese que fué el primer estudio, también comenzamos a analizar la socialización que hacían los medios de comunicación de la mujer chilena y de sus categorías.

El segundo estudio nos tomó de sorpresa porque estábamos abarcando un estudio más específico sobre los jóvenes y las mujeres jóvenes, que es un sector muy peculiar. La primera investigación abarcaba a las mujeres entre 15 y 55 años. La otra abarcaba el problema de la juventud. Porque comenzaba en Chile la reivindicación de lo que "El Mercurio" y la derecha llamó en esa época de "Poder Joven". Entonces hicimos un análisis de la juventud obrera chilena, y también campesina, para destruir el mito de que había un poder joven, y que el "poder joven" estaba concentrado en los hijos de la clase media. Y fué también un estudio de tipo antropológico.

Pero hacia 1967 hay una coyuntura muy importante en Chile. Nosotros estábamos terminando ese estudio sobre la juventud, y en 1967 los estudiantes de la Católica toman la Universidad. Entonces viene la primera ofensiva del Mercurio contra una Universidad que era tradicionalmente feudo de la burguesía. La ofensiva del Grupo El Mercurio contra la Católica supera todo, a tal punto que el movimiento estudiantil colgó por primera vez un cartel sobre la Universidad que decía: "El Mercurio miente". Entonces el movimiento estudiantil nos encomendó, y yo estaba muy vinculado al movimiento estudiantil por medio de mis estudiantes, nos encomendó un estudio, que por otro lado era continuación del que habíamos hecho, sobre la reacción del Mercurio frente a la juventud, frente al proceso universitario y frente al poder joven. Y ese estudio fue el que hicimos en comunicación con Manual Pichini y Michelle. Se llamaba "Los medios de comunicación de masas, la ideología de la prensa", que en esa época era liberal en Chile.

Y ese fue el primer análisis que hicimos en comunicación, análisis de estructura de poder, para caracterizar al grupo El Mercurio y a otros grupos. Después, análisis de contenido. Mi artículo, recuerdo, se llamaba "La Mitología de la Juventud en Chile" y abarcaba tanto los mitos

na Universidade, ou tinha ligações com os movimentos sociais?

— Mira, ... preguntas indiscretas... No mira. Yo trabajé, y es la segunda parte de la investigación, intimamente con el movimiento campesino entre 1967 y 1970. Porque yo trabajaba también en una institución que se llamaba ICIRA (Instituto de Capacitación e Investigación en la Reforma Agraria) donde estaban refugiados; Almino Alfonso, Paulo de Tarso, Plínio Sampaio, y otros latinos que encontré por casualidad en Río de Janeiro diez años después.

— ...

— Sí, puede ser, no me acuerdo. Y Pablo... estaba trabajando. Entonces trabajé mucho sobre el campo, y mi segunda investigación era eso. Y fué hecha con Carmen Castillo, y otros, un señor que se llamaba Bernardi Castillo, pero que no tiene nada que ver con Carmen. Esta segunda investigación se llamó "La ideología de la dominación en la Sociedad dependiente", y de subtítulo: "La respuesta ideológica de la clase dominante al reformismo". Es el análisis del cambio de la ideología de la clase dominante hegemónica, de la burguesía hegemónica chilena a raíz de la Reforma Agraria. Como ellos se modernizan en su organización y en su ideología bajo Frei. En este sentido Frei es Kerensky, como se decía. Esas son las dos investigaciones básicas que hicimos antes de la UP.

— *E vocês entraram para a Unidade Popular?*

— Bueno, la U.P. nos tomó de sorpresa. De sorpresa teóricamente, porque nunca se había pensado en el problema de la alternativa. Aparte de algunos textos de Lenin, de Trotsky, de Reich, etc., existen muy pocos textos de como construir o de como imaginar una alternativa a la comunicación, sobre todo en 1970. Las investigaciones las hicimos tratando de recoger metodologías muy diversas, desde el estructuralismo lingüístico, pasando por el estructuralismo filosófico.

En 1970 la problemática es distinta. Ya no se trata solo de denunciar. Es tratar de imaginar otras formas de comunicación desde otros sectores sociales. Entonces, el hecho fundamental de la U.P. fué la posibilidad de entrar en la fábrica; eso es lo más concreto. Es decir, de trabajo con obreros en la fábrica, o en los latifundios con campesinos. Fué esa la gran

sobre la juventud que trataba de difundir El Mercurio, sobre los niños de clase media como toda su actitud y comportamiento frente al movimiento estudiantil. Y es interesante porque es a partir de allí que nace uno de los primeros embriones del gremialismo como respuesta de los universitarios de derecha a la politización de la universidad. Ellos se reivindicaban movimiento académico, profesional. Y fue la ideología que servirá de base a la resistencia a la UP. El otro lugar donde nace esta reacción es entre los latifundistas y la clase dominante chilena hegemónica frente a la Reforma Agraria: el gremialismo agrario. Es muy interesante vincular todo eso porque para mí el primer contacto, la primera revelación de la modernización, de la ideología de la clase dominante yo la tuve en 1967, y después evidentemente bajo la UP, que se materializó en un movimiento de la pequeña burguesía. Esa fué la primera investigación.

— *Que representava um pensamento crítico desse tipo na Universidade?*

— Es interesante notar que en Chile, a partir de 1967, uno de los logros de la Reforma Universitaria de la Católica (y habría que hablar de la U. de Chile, pero yo no estaba en la de Chile en esa época), resultó en la existencia del principio del Co-gobierno.

El Rector, que era francamente progresista, es el padre de Carmen Castillo, la compañera de Miguel Henríquez; y fue muy interesante la fundación del Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN) que fue dirigido por un disidente de la Democracia Cristiana que Frei finalmente expulsó del organismo de la reforma agraria, y a la cual dirigía hasta 1967, y que es Jacques Chonchol. Y es bien significativo que los que fundamos el CEREN fuimos tres personas: J. Chonchol, Andrés Pascal Allende y yo. Y fue el primer centro de la nueva Universidad Crítica en la Católica. Es distinto de la de Chile. La de Chile tenía centros. La Católica era un centro muy monolítico a ese nivel. Porque no hay que olvidar que el movimiento estudiantil de la Católica no es el movimiento estudiantil que surge a partir de la problemática de partidos de izquierda. Surge como producto de la disidencia de la D.C. Es muy distinto de la U. de Chile donde había fuerzas socialistas, comunistas.

— *Em tua atividade na Universidade era só*

revelación de la UP: abrir las compuertas que separaban las clases.

Y en los lugares donde tú podías colaborar era en los partidos, pero allá en los lugares de trabajo tú podías hacer... Bueno, las investigaciones que hicimos bajo la UP y toda la problemática evolucionó mucho también.

— *Continuavam no CFREN?*

— Sí, sí, yo continuaba en el CEREN como director institucional, pero me "prestaron" en todas partes, en la editorial del Estado, "Quimantú" y en la Presidencia de la República básicamente.

— *Durante o processo eleitoral vocês estiveram... Vamos pegar a gênese da UP. Como é que surge no Chile e como é que vocês se vinculam em torno dessa proposta?*

— Bueno, la génesis es muy ardua. Porque no hay que olvidar que el proyecto de la UP, y la UP misma es el resultado de un conjunto de compromisos entre los partidos. En un principio, yo no me acuerdo, pero había cuantos candidatos?, 3 o 4 candidatos.

— *Cada partido tinha seu candidato...*

— Sí, cada partido tenía su candidato. Pablo Neruda, Jaques Chonchol, Allende, otro por el Partido Radical, ... Entonces fué una progresiva discusión de una plataforma unitaria. Y finalmente designaron a una de las personas, Allende, que era más simbólica del proceso histórico. Su carrera había comenzado por los años 30. Había sido Ministro de Salud del pequeño Gobierno Socialista que conocimos al principio de los años 30.

— *Eu te perguntaria: no programa da UP havia alguma coisa, alguma perspectiva para a comunicação?*

— Te voy a decir, había 10 líneas. Consideraciones generales sobre el derecho a la democratización cultural, todo eso. Pero el programa de la UP no tenía... Decía: "poner los servicios de comunicación al servicio del pueblo", pero no había nada, al igual que después en el Programa Común en Francia, casi ninguna estrategia para los medios de comunicación, excepto el término de "democratización".

— *Por que acreditavas que se passava isso, essa falta de perspectiva?*

— Yo no creo que sea un elemento propio de la izquierda chilena. Creo que la izquierda en general ha desestimado este frente de la comunicación de masas, como ha desestimado entre otros los movimientos de mujeres. Yo creo

que la comunicación e incluso la cultura eran un poco la "5ª medida del caño", como se decía, entiendes? Yo creo que es un problema..., yo siempre digo una cosa... que en las artes de la guerra revolucionaria, la prensa, la comunicación y la cultura son artes menores. De la guerra revolucionaria, se entiende.

— *Indevidamente?*

— No. Esa es toda una trayectoria del marxismo internacional, del movimiento obrero internacional. Creo que son tareas que no se problematizaron.

— *Tu achas que poderiam-se problematizar? Por exemplo, tu vês no processo no Chile a possibilidade de uma proposta para se formular uma estratégia para os meios de comunicação?*

— Como? En el principio?

— *Sim.*

— No. En el principio, ¿qué tenemos nosotros como referencia concreta? Bueno, llegamos con una situación en que la izquierda hereda ciertos medios sobrevivenciales, que poco o nada había podido tener acceso antes. Qué tenemos entonces concretamente? Los textos de Lenin sobre la prensa, los textos de Brecht, los textos sobre teatro de Maiarold, y todo eso. Y Literatura y Revolución de Trotsky, algunos textos de algunos latinoamericanos como Mariátigui. Para nosotros eran las únicas referencias a nivel teórico.

Progresivamente hemos construido, digamos, un embrión de teoría crítica a partir de referencias de otros procesos, y a partir sobre todo de la práctica en el proceso chileno mismo. Y no solamente de nuestra práctica, sino de la práctica de los sectores que buscaban otros medios de comunicación que los que tenían.

— *Fale-nos um pouco dessas práticas.*

— Mira, creo que hay dos aspectos fundamentales. Es la política superestructural, fundamentalmente vinculada con la Editorial del Estado. Yo con la Editorial del Estado y Magdale Michelle con la TV nacional. Yo trabajé básicamente con el medio impreso, la prensa, la Editorial del Estado. También un poco en radio. Y allá con la posibilidad, con la elaboración de una política que fuese una política táctica, en función de los presupuestos de la UP, que era captar a las clases medias a partir de las formas existentes en comunicación, a partir de la problemática de la posibilidad de subvertir el sentido de las fotonovelas, de los "comics", y en TV de las telenovelas, etc.

— *Esse trabalho era só de análise, ou era no movimento prático, da produção prática?*

— Ah, bueno! Era concretamente contradictório. Michelle, por ejemplo, que era co-responsable de un Magazin para los jóvenes, HONDA se llamaba en esa época. Yo estaba muy concretamente vinculado sobre todo con la evaluación de los nuevos productos, con la recepción de los nuevos productos dentro de Liceos, Sindicatos, etc.

Era todo una primera fase de crítica a partir de grupos de base, de los nuevos productos.

— *Nessa época é que surge "Para Leer el Pato Donald"?*

— Sí, claro. "El Pato Donald" es el fruto de esa interrogación en la Editorial del Estado. Yo lo dije concretamente: nació de la discusión de obreros que debían seguir publicando... Porque la UP, con el Estatuto de Garantías Constitucionales, estaba finalmente obligada a publicar en la prensa de la Editorial del Estado las publicaciones de sus enemigos de clase, de la derecha. Entonces los obreros nos pidieron..., ellos debían imprimir los productos de Walt Disney en la prensa de la Editorial del Estado. Ellos quedaron muy choqueados. Comenzamos una discusión a partir de los productos que estaban imprimiendo. Y "El Pato" tuvo una trayectoria que no pensamos que llegase a tener finalmente. No pensábamos que podía tener una trayectoria así. Porque después se apoderaron de él para utilizarlo también en el reciclaje de profesores de primaria. Finalmente, era un buen texto para discutir lo que era cultura de masas. Yo nunca leí "comics".

— ...

— No, el problema es que la 2ª edición del Pato Donald acababa de salir en Valparaíso. Porque la primera edición fue en Valparaíso.

— *E em que ano foi?*

— Lo terminamos el 4 de setiembre de 1971, y está marcado debajo del prefacio '4 de setiembre de 1971'. Y salió a fines de setiembre. Tiene 10 años ahora. Y salió en Valparaíso en diciembre, para las fiestas de Navidad. Lo habíamos concebido así para luchar contra... un poco.

— *E teve rápida e boa repercussão?*

— Sí, tuvo buena repercusión. Pero te voy a decir que no fue siempre de franco apoyo. Tuvo ataques de fuerzas de derecha. Y, evidentemente, se entiende por qué. Pero ellos estaban más politizados cuando nos atacaban que ciertos sec-

tores de la izquierda que planteaban que no había que cambiar la superestructura antes de cambiar la estructura, etc. Y yo me acuerdo que recibimos un ataque feroz del PC, liderado por un literato de super casset. Fuertísimos contra nosotros y los que pretendían cambiar la cultura antes de cambiar las industrias.

— *Tua ação prática na juventude chilena, da UP, é muito importante. Eu te perguntaria se teu grupo sempre logrou encontrar apoio na esquerda chilena para a iniciativa de vocês, se houve algum tipo de barreiras, se houve algum tipo de discussão at e por que?*

— Mira, es interesante lo que tú planteas, porque tú sabes que en 1967 y después del estudio sobre la mujer, nos llamó Allende, a Michelle y a mi, por intermedio de Beatriz Allende, la que después se suicidó.

Y hablé con él largamente sobre los problemas culturales. Porque enfrentaba a la mujer como un problema político fundamental. Ya estaba preocupado con la política de la D.C. frente a la mujer, que fue muy inteligente. Te acuerdas, en la captación. Debieron intentar esta captación durante la UP. Y yo tenía una protección en alto nivel. A tal punto que yo hablé varias veces con Allende acerca de las investigaciones que hacíamos. Pero la mayor parte de los grupos de la UP, sobre todo el PC, aún respetándonos enormemente, estaban muy en desacuerdo con una acción en ese campo. Porque planteaban que eso debía desarrollarse dentro de cada partido.

Y bien, yo tenía vinculación con otro partido, con el MIR. Yo tenía una mentalidad plural. No digo pluralista, pero plural. Siempre estuve en contacto con varios grupos de la izquierda. Pero se puede decir que no era fácil. Durante el primer año de la UP había tantas contradicciones en todas partes, que fue el año más lindo de mi vida, hasta ahora.

Ese primer año era increíble porque todas las contradicciones podían desarrollarse, y todas las iniciativas podían tomarse. Y en la Editorial del Estado había tanto unos que planteaban que bastaba invertir filmes de fotonovela para hacer un medio de comunicación, como había otros que planteaban que era pura táctica y no estrategia.

Entonces, durante el primer año había un cierto apoyo en muchos sectores. Pero a partir del segundo año ya fue mucho más difícil, porque la política de la comunicación era vinculada

básicamente a la necesidad o no de movilizar a los distintos sectores de la clase subalterna en la construcción de una nueva sociedad y en la toma del poder.

Ese es el problema. Porque es evidente que cuando tú planteas el problema de la comunicación alternativa, de "devolver el habla al pueblo", como decíamos, tú estas planteando la necesidad de una política de movilización. Y una política de movilización que era..., bueno, la línea central de la UP era captada y atrapada más bien dentro de la captación de los sectores medios. digamos para simplificar.

— *Acho que uma síntese de tua crítica, da autocrítica do movimento nesse processo foi que a direita aprendeu mais rapidamente a entender e a lidar com essa conjuntura. Como é que isso se expressava?*

— No fui yo el que dije eso. Es Fidel, en setiembre de 1971. Digamos que yo creo que la izquierda... No, hay algunos sectores que no captaron.

— *A esquerda não tinha essa percepção...*

— Yo creo que el conjunto de la izquierda no captó realmente adonde iba la estrategia de resistencia de la derecha. No sé si tú estás de acuerdo. Pero, por ejemplo, la subestimación de la manifestación de las mujeres, la subestimación de la batalla universitaria, la subestimación de la huelga de los supervisores del cobre. Yo creo que la izquierda subestimó, y no pensé que el modelo de resistencia de la burguesía chilena hubiera podido tomar como ámbito la calle. Las acciones que son propiedad, que son patrimonio de la izquierda. Estrategias y tácticas, propiedad, patrimonio de la izquierda.

— *Em quando o processo político chegava ao seu fim, não se sentia essa...*

— Mira, yo tengo un caso muy doloroso a ese nivel. El único trabajo... y yo no pienso que eso sea una cuestión de genialidad personal. Yo creo que había muchos sectores de la izquierda que tenían la misma opinión. Y yo discutí mucho con varios sectores. El único trabajo sobre la línea de la burguesía salió en octubre de 1972 en "Chile Hoy". Y tú sabes que repercusión tuvo dentro de la izquierda hegemónica? Ninguna. Es solamente después del golpe que me vinieron a hablar de ese trabajo.

Y todo lo que te contaba sobre la línea de masas era porque no tenían una previsión del futuro. Pero nosotros habíamos mostrado como

la comunicación de la burguesía estaba reestructurándose en función de la captación de frentes médicos, de enfermeros, etc. Y este trabajo que salió después del golpe, salió en Chile en octubre de 1972.

— *E os últimos dias em Chile, como é que foram?*

— Bueno, nosotros en el último periodo en Chile, realmente a partir de marzo de 1973, abandonamos completamente los medios de comunicación superestructurales, excepto la vinculación con el canal 9, que fué la única plataforma donde hubo otra programación, otro tipo de modo de producción de la comunicación audiovisual.

— *Por favor, relata brevemente essa experiência do canal 9, que parece que não está registrada em nenhuma parte.*

— Si. El canal 9 es el canal de la Universidad de Chile. A diferencia del canal 13, que era de la Universidad Católica, el canal 9 lo tomaron los propios trabajadores de prensa del canal, respaldados por los obreros de los "cordones industriales". Eso en octubre de 1972. Es la primera y la única vez que la izquierda tomó un medio.

Se tomó por la fuerza porque encontraba escandalosa la política que estaba ligada a la oposición. Finalmente el canal 9 se tomó por la fuerza, hay que decirlo. Y la izquierda estaba dividida. Porque muchos quisieron devolver ese canal. Y llevó mucho tiempo, porque fué ante tribunales que se peleó. Y es muy simbólico, 15 días antes del golpe, a fines de agosto de 1973, los tribunales dictaron, obligaron a las fuerzas que habían ocupado el canal 9 a devolverlo a sus dueños, es decir, a la Universidad de Chile. Y simbólicamente, 10 días antes del golpe devolvieron el Canal 9 a su dueño, la Universidad de Chile que estaba en manos de una mayoría DC en esa época.

Por lo tanto, el Canal 9 creo que es una de las únicas experiencias revolucionarias del mundo donde los obreros empiezan a imaginar con los periodistas, con los realizadores de TV, otra TV.

En qué consistía esa programación? Primero en rescatar toda la memoria revolucionaria mundial. Recuerdo la reacción de los obreros de los cordones al día siguiente después de haber visto una película sobre la comuna de París. Para ellos era una iluminación. Decían, nosotros somos los hermanos de éstos de 1871. La memoria nacional, popular, internacionalista.

Si tú quieres, la memoria nacional-popular. Con películas que casi nunca se habían pasado en TV.

Y finalmente, la tercera, y más fundamental, que transformaron la TV en una "Agora", yo no tengo otra palabra. Una agora, es decir que discutían, venían obreros de los comandos comunales, campesinos a discutir temas como por ejemplo, me acuerdo y para mí fué un golpe, el problema de la socialización de la medicina, al lado de otros problemas, como el problema de la producción, de la productividad, etc.

Entonces, yo creo que fué interesante. Yo no voy a decir que fué un modelo para una futura sociedad socialista. Pero digamos que fué una experiencia importante en una época de crisis. Claro que no tuvieron ni tiempo de preguntarse que era una programación revolucionaria en tiempo normal. No. Era efervescente. Todo lo que ocurrió en Chile era un concentrado de historia en muy pocos meses.

— *E quanto tempo durou essa experiência na Tevé?*

— Octubre de 1972 a fines de agosto de 1973.

— *Com a decisão judicial o canal foi retomado?*

— Fué tremendo, porque esa noche yo estaba en los alrededores del canal 9. Se retiraron. Fué la noche más triste que he vivido en materia de comunicación, en la UP.

— *E o canal, transmitiu até o último minuto?*

— Claro. Fué dramático realmente.

— *Foi militar a ocupação?*

— Carabineros. Fué una prefiguración, un preanuncio de que finalmente el final estaba cerca.

— *E esses últimos dias... Onde é que tu estavas? Como é que tu recebeste a notícia de que o Palácio estava sendo atacado?*

— Estaba en la cama. Me había acostado muy tarde...

— *Hoje faz oito anos!*

— Hoy. Yo estaba en el cordón industrial de Macul, cerca de la Universidad de Chile, a las 11.30 de la noche del día anterior. Haciendo entrevistas, haciendo evaluaciones con los obreros y con las mujeres. Había comenzado con las mujeres, porque nosotros sabíamos... Digamos, estaba en la cama. El golpe estalló muy temprano, el 11 de setiembre...

— *E, pela rádio?*

— No, fué un amigo que me vino a despertar. El último discurso de Allende. Eso fué dramático. Y los bombardeos y las metralladoras sobre los cordones industriales comenzaron en la tarde, y cosas así. Los helicópteros...

— *Nesse processo, foste preso?*

— Preso? Si, claro.

— *Como foi? Houve uma modificação na prática desse pessoal que estava trabalhando em comunicação, com o objetivo de preparar uma resistência a esse golpe, que já se sabia?*

— Bueno, esa preparación es muy inorgánica. Había algunos sectores que tenían armas, pero no había ninguna discusión. Incluso para defender específicamente La Moneda. Entonces uno no puede decir que hubo una problemática de resistencia armada planteada a nivel de la UP. Incluso algunos grupos dentro del P.S. tenían una idea sobre lo que sería la resistencia armada. Y a nivel de la comunicación peor aún. No había nada. Nunca escuché hablar.

— *Na área prática da comunicação, apesar do golpe em andamento, de saber do golpe em andamento, não mudou em nada?*

— No. Y los compañeros de "Chile Hoy", que era una revista muy importante, se quedaron en el edificio de la revista hasta el día anterior, entiendes? Fué muy significativo. No hubo una preparación. Tú sabes que nos tomó de sorpresa el golpe? Yo no sé quién pudiese ser tan adivino conia para que era al día siguiente. Yo no sé. Tú no lo supiste tampoco, u nos cayó así de encima. Claro que afuera decían que iba a darse al golpe muy pronto. Nosotros sabíamos que había, sentíamos... pero... es difícil, tú sabes...

Como decía... es como cuando tú estas con una persona que dice que se va a suicidar. Es un tipo de cosas que vivimos los que estaban en Chile, incluso los más lúcidos.

— *Como é que foi a saída do Chile? Foi complicada?*

— Bueno, me vigilaron 15 días. Estaba sólo con mis niños porque Michelle estaba afuera, estaba en La Habana en esa época. Y la Policía Política me vigiló 15 días porque tuve enseguida protección de... Porque estaba trabajando en Chile y yo tenía un pasaporte de Naciones Unidas en la época, y me protegieron diplomáticos, la embajada de Bélgica y otras. Pero me quedé en casa. Cuando comenzaron los

vuelos me llevaron con mis dos niños en avión a Buenos Aires.

— *E esses dias tu passaste em casa?*

— En casa. Y saliendo para ver un poco lo que podía. Porque me vigilaban sobre todo en ciertos momentos del día.

— *E o que se via?*

— Las calles en donde 8 días antes tú habías visto desfilar un millón de personas, la mayor manifestación de la historia de Chile, ver La Moneda derrubada, paredes pintadas de blancos, en las que antes había murales.

Para mí era eso el golpe. Todos los símbolos cayéndose, todos los compañeros que tú habías podido frecuentar antes, solo los podías ver rápidamente para no quemarlos. Es tremendo eso. Eso es el golpe. También detenciones en la calle.

— *No final de setembro, então, já tinhas fugido para a Argentina?*

— Viaje a Argentina y después fui directamente a La Habana con mis dos niños, que no sabían lo que ocurría, eso es tremendo. Pero yo tenía una cosa... Yo fui muy protegido por mis propios niños. Porque yo tenía miedo que me llevaran para el Estadio con mis niños, o cosas así. Y que mis niños quedasen solos. Y el día del golpe me vino a ver el vecino, que era de Patria y Libertad, de la organización de extrema derecha, y me dijo: "Mire, yo sé que usted ha trabajado con la UP, pero no se preocupe, mis niños son amigos de los suyos. No lo voy a denunciar". Y registraron todas las casas de mi barrio, y no registraron la mía.

— *Que idade eles tinham?*

— Mis niños? Uno había nacido en el 67, tenía 6 años. Y el otro en el 65, tenía 8 años.

— *Os dois chilenos?*

— Sí, los dos chilenos.

— *E a retomada do trabalho na Argentina?*

— No, no retomé el trabajo en la Argentina. Me repuse del susto. Redacté rápidamente unas notas, porque el libro sobre comunicación masiva del proceso de liberación, al cual le había terminado la introducción en marzo de 1973, le agregué diez líneas en Buenos Aires acerca del golpe. No bien sobre el golpe, sino sobre la necesidad de seguir investigando y profundizando algunas cosas.

— *Quanto tempo ficaste na Argentina?*

— Ocho días. Me fui a La Habana, y allá me quedé tres semanas. Y después a París. En París tenía un amigo cineasta, que era actor y pro-

ductor de cine, que es Jaques Perrin, el actor de "Estado de Sitio" y de "Z", quien se había vinculado cuando firmaron "Estado de Sitio" en Chile, en el Gobierno Allende, con Augusto Olivares, que era el jefe de los periodistas de izquierda en Chile, uno de los más respetados, y que murió con Allende en La Moneda. Y dos días antes del golpe le había prometido por teléfono a Olivares que cualquier cosa que ocurriese, él iría a hacer una película sobre Chile en homenaje a Allende.

Y llegué a París, y por medio de un amigo cineasta, que era Marqué, me contacté con Perrin, el productor de Costa Gravas, quien nos ofreció hacer una película.

Entonces juntamos un equipo de 3 o 4 personas para hacer una película, un documental. Y durante dos años y medio mi psicoanálisis fué hacer esa película, recorrer todas las bibliotecas, ver como funcionaban las agencias televisivas de noticias. Hice esta película en dos años y medio mientras seguía escribiendo reflexiones sobre el proceso chileno. Durante ese tiempo no hice otra cosa. Y no viajé casi, a no ser por bibliotecas.

— *E por que esse filme não vem para o Brasil? Foi tentado?*

— Se intentó en el Festival del Museo de Arte en el 76, pero no puedo entrar. En la muestra del MASP. Pero incluso en Venezuela no puede entrar ahora, como podría entrar en el 76 a Brasil?

— *E depois de terminar o filme, retomas tuas atividades acadêmicas?*

— Mi primera obsesión fué el llevar a Europa un conjunto de investigaciones que habíamos hecho en América Latina. Y me preocupaba porque en Europa no tenían ninguna conciencia de ello, que es todo el problema de la internacionalización de la producción cultural capitalista. Fue "Multinacionales en Sistemas de Comunicación", que trataba de adaptar un poco a todas las realidades donde había vivido, ese análisis sobre las multinacionales.

— *O trabalho continuava só na França?*

— Sí, digamos que en el 76 entré en la Universidad. Tres años... Yo di un curso en la Universidad, pero realmente entré en el 76.

— *Nesse período, não tiveste algum convite para voltar à América Latina, a outro país?*

— Yo volví una vez... Bueno, yo recorrí América Latina por lo menos para hacer la película. Básicamente Argentina en esa época. Y

Méjico. Estuve varias veces en Méjico porque tenía mucha vinculación con la Universidad Autónoma Metropolitana. Estuve varias veces en La Habana, pero no en América Latina. Había muy pocas Universidades o grupos que me podían convidar.

Y realmente el trabajo y el contacto continuó con América Latina, por lo menos por 15 días, uno, dos o tres meses se dá a partir de 1978, que es cuando lo retomo.

— *Que sentido dás a esse trabalho que estás fazendo na América Latina? Esses cursos em diferentes países, reflexões...?*

— Yo retomo mi vocación de misionero... Bueno, es un chiste... No, mira, yo me doy cuenta que no todo es escribir libros y artículos. Es evidente que la gente percibe las cosas a partir de sus condiciones de vida. Hay condiciones de producción, del sentido de una lectura, de una cosa producida en otra parte. Entonces, mi preocupación al aceptar estos cursos es también conocer la realidad de otras personas. Pero también para tratar mejor lo que uno escribe y hace, para trabajar juntos. Es eso.

— *É isso que marca teu trabalho entre 1976 e hoje?*

— Sí, pero con una evolución muy fuerte. Porque de todas formas ese no es un período muerto a nivel político. Estallan crisis a nivel de la izquierda mundial que no estaban presentes en los años 70. Hay otro tipo de crisis... culturales...

Entonces, progresivamente voy profundizando también el análisis de lo que es el marxismo, que es ser marxista en 1981, cuando muchos de tus compañeros en Europa abandonan completamente el marxismo en tanto como forma del conocimiento, como militancia política.

— *Como é que se deu a oportunidade do trabalho em Moçambique?*

— Mira, es concreto. Se publicó en Portugal a fines de la Revolución, a fines del período revolucionario, "Medios de Comunicación, Ideología y Movimiento Revolucionario", y cayó en las manos de la gente del Ministerio de Información y de quienes trabajaban en información. Y pidieron al Gobierno de Francia que me convidé, porque yo estaba en una Universidad francesa. Pidieron a través de la Embajada Francesa hacerme ir unas tres semanas. Así empecé el diálogo con ellos. Y las veces siguientes no estuve con los fondos de la Embajada, de la Asistencia Técnica Francesa. Me

convidan directamente porque es mucho más seguro que pasar por la Asistencia Técnica Francesa.

— *E você teve um contato especial com a realidade africana?*

— Bueno, la realidad africana es tan distinta a la de América Latina. Es tan parcelada en regímenes políticos, étnicos, etc. Pero yo tengo contacto básicamente con gente de África del Norte, básicamente Argelia y Mozambique. Yo nunca he trabajado con otros regímenes.

Michelle tiene más contacto con las mujeres africanas, y entonces tiene más contacto con asociaciones de la África francófona, del Oeste. Pero a mí lo que me interesa en África es Mozambique porque puedo trabajar concretamente. Como yo no soy un viajante, un representante de comercio, cuando me convidan acepto si encuentro que políticamente es interesante. En África, por el momento, hay pocas realidades que correspondan a la realidad Mozambiqueña, no?

— *Por quê?*

— Porque los regímenes políticos muchas veces son..., sufren todavía del neocolonialismo.

— *Qual é o significado do socialismo francês?*

— Bueno, ahí no hay que olvidar una cosa, no hay que desmemorizarse. La izquierda llega al gobierno y gana electoralmente con el 52% en un período donde, digamos, las organizaciones de masas, los sindicatos, los partidos, están en una profunda crisis. Y esta crisis no se resuelve, no se soluciona porque haya una victoria electoral. Ese es un primer hecho. Quiere decir que uno de los elementos, uno de los desafíos principales del proceso es precisamente resolver esta crisis también organizacional.

Una crisis finalmente de lo que es interrogarse sobre lo que podría ser una hegemonía a partir de una noción distinta de lo que es un partido no vertical, una Asociación-Partido, Asociaciones, vida asociativa, etc.

— *Sem ser administrador da crise?*

— Claro, sin ser administrador de la crisis. Ese es el gran problema. Yo creo que evidentemente, el proceso francés, la victoria electoral, abre una factibilidad, unas posibilidades que nunca hubieramos podido imaginar.

Quiere decir que hay un conjunto de fuerzas que se liberan. Pero no quiere decir que todos esos antecedentes, que toda la crisis, e incluso la decadencia de formas de organización no se

van a resolver del día a la mañana. No. Se van a resolver cuando se den los enfrentamientos acerca de lo que es la institucionalización de la radio libre, lo que es la descentralización regional, territorial, todo eso. Por lo menos esos temas están abiertos. Las salidas concretas vendrán a partir de la actividad de todo ese tejido democrático que está detrás de la victoria electoral.

Porque si bien es cierto que hay una crisis tremenda, y había desde el 66/68 una crisis muy profunda en los partidos, en los sindicatos, en las organizaciones de masas, de todos modos yo creo que en Francia, y es una gran lección histórica, hay todo un tejido democrático que trabaja a nivel, digamos, de Centros de Padres en los colegios, a nivel de Asociaciones de Barrio, etc.

Y es todo ese tejido social que ahora debe trabajar e imaginar otras formas. Que tiene potencialidades y tiene posibilidades de institucionalizarse, y no ser siempre la alternativa marginal.

— *E a atitude da direita? Haverá resistência da direita?*

— Ah, bueno! La reacción de la derecha va a ser fuertísima, es evidente. Por el momento está claro que está en un momento de reacomodación, de reajuste. Pero va a ser fuertísima. Ya se ve eso en la batalla ideológica, en el hecho de que no perdaban absolutamente nada. Y no solamente a nivel de la batalla ideológica. Todo el problema del sabotaje económico. El hecho de no colaborar, de no querer cooperar con la política de salarios, de empleo. Todo eso. No querer acompañar, o no querer enfrentarse a los procesos de nacionalización. Yo creo que va a ser fuertísima.

El modelo que van a adoptar no te podría decir. Por ahora es un modelo que se queda a nivel institucional, superestructural. Espero que no les venga a la mente, que no les demos la oportunidad de sacar lecciones de sus hermanos chilenos para resistir a la UP. Eso sería catastrófico. Yo no creo, pero nunca se sabe.

— *Agora, a esquerda, aqui no Brasil, está cética em relação à experiência do socialismo francês, pretendendo entender mais a experiência de Mitterrand como uma social-democracia mais avançada, que porém não passará de um reformismo estéril. Tu tens mais expectativa do que isso, não é?*

— No, yo no tengo más expectativa. Pero,

mira, es una tautología también ese juicio. Decir: 'Mitterrand es socialdemócrata, entonces va a hacer un regimen socialdemócrata'. Todos sabemos que no podemos pedir de Mitterrand que sea un futuro Lenin, o un futuro Trotsky, o otra persona, entiendes?

Yo creo que si bien es cierto que Mitterrand está encuadrado en una cierta perspectiva, y dentro de un proyecto político que es moderado, no quiere decir que no haya o no puedan darse en Francia un conjunto de contradicciones que hagan avanzar hacia otro proyecto. Por lo menos a ciertos sectores de la sociedad, cierto tipo de reformas, etc.

Claro que, evidentemente, el modelo global es un modelo socialdemócrata. Pero yo juzgo también en función de un pueblo donde el tejido social-democrático reclama otra forma de democracia que la burguesa. Hay que ver también que potencialidad hay dentro de los sectores sociales que votaron por Mitterrand. A pesar de su crisis.

— *A última pergunta, então. Em todo esse trabalho "missionário"...*

— No. Saca aquella palabra misionario porque...

— *Já se vão 20 anos...*

— Son 20 años el año próximo, es cierto.

— *... em toda essa atividade se evidencia um compromisso com o Terceiro Mundo. Desde aquela vontade de ir para África...*

— Mira, un cubano te diría que yo no soy un europeo, yo soy del Tercer Mundo. Son los únicos que me lo reconocen así, tan oficialmente. Es muy diferente. Yo viví once años en Chile. Y si no me hubiesen expulsado estaría allá todavía. Ya había hecho la elección. Había abandonado completamente todo lo que se refería a Europa, EEUU, etc. Tú sabes que los únicos libros que tuve durante diez años fueron en castellano. Es muy significativo. Porque es muy diferente de una veta que se llama "brasileñistas" o "sudhispanistas", o cosa así.

— *Eu queria que tu caracterizasses melhor esse compromisso que fez que te integrasses perfeitamente e que te sintas um latino-americano, um chileno. E isso envolve além de um compromisso político evidente, também um compromisso ético, pessoal.*

— Sí, mira, es muy difícil explicar eso porque yo no me hago ninguna pregunta en la medida en que desde que empecé en América Latina, toda la trayectoria, los fracasos y los

logros son dentro de una elección natural desde el principio. Desde el principio elegí esta vida, y ahora, como explicarte?, para mí es simplísimo, sencillísimo. Desde el 62, desde hace mucho más tiempo evolucioné dialecticamente, con acumulación, con receso, con avance.

Y yo me doy cuenta ahora que estoy trabajando con realidades muy diferentes, en América Latina, en África, en Europa, que para mí hay una sola problemática. Es una problemática donde trato de no ser demasiado esquizofrénico. Pero al final el problema del compromiso es interesante de ubicar, si tú quieres. Pero para mí es un término artificial. En definitiva tú tienes otra naturaleza. Es una naturaleza comprometida, si tú quieres. Pero yo no...

— *O que eu queria era fazer uma analogia entre esse envolvimento integral a toda ligação..., que se integra daí para diante a todo esse processo, e à ligação entre a teoria e a prática...*

— El problema es que los que piensan que pueden desentrañar por los textos la vida de uno, mi vida, son realmente unos utopistas. Si piensan entender lo que escribí comparandome con Adorno, con Brecht, o con otra cosa, no van a entender absolutamente nada.

Yo creo que si bien yo cito Brecht, Marx, Engels, y otra gente en "Medios de Comunicación, Ideología y Movimientos Revolucionarios", para mí eran apoyaturas fundamentales que había que tomar en cuenta. Pero nun-

ca santifiqué o idolatré a estas personas. Mi evolución no es por medio de textos o de lecturas. Es una reflexión muchas veces imperfecta de lo que estoy haciendo, de lo que otros están haciendo.

Es por eso que me entiendo tan mal con los universitarios académicos. Porque en ellos hay una santificación de la teoría. Y yo tengo una aspiración profunda de generar, de participar, de construir una teoría crítica. Pero pienso también que hay que destruir una idea de lo que es lo académico.

— No. Yo creo que el momento clave de mi compromiso con la izquierda, con el movimiento, es a partir del 66, del 65 y del 66. Antes estaba fluctuando en contacto con sectores disidentes de la Democracia Cristiana y ciertos sectores guevaristas del P.S. que eran alumnos míos.

Me influenció mucho en ese sentido toda la rebeldía a partir de la concepción guevarista. A mí me interesaba porque hacían, manejaban temas, preocupaciones que me parecían mucho más ricos que los de los PCs ortodoxos. Y como nunca pertenezca a un PC, yo estaba más atraído por movimientos que sacaban a luz un conjunto de problemas que los PCs nunca habían sacado a luz, con excepción de períodos cortos, revolucionarios.

Bueno, en el 11 de setiembre de 1981 es doloroso...